



A PERCEPÇÃO SOBRE O APOIO TÉCNICO À COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO DOM TOMÁS BALDUÍNO/GOIÁS-GO - JUNHO DE 2014

Suelem Martini Assmann

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo)
suelenmartini@hotmail.com

Introdução

O presente texto é referente ao relato de algumas observações levantadas e discutidas através de um trabalho de campo ocorrido no dia 14 de Junho de 2014, quando visitamos o Assentamento Dom Tomás Balduino, no município de Goiás, durante atividade de uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Jataí. Nesta aula de campo tivemos a oportunidade de conhecer a região do município de Goiás visitando, além do assentamento, a comunidade tradicional de camponeses denominada de São João do Monte Alegre, pertencente ao mesmo município de Goiás (GO).

O primeiro momento do trabalho de campo foi no assentamento, o qual leva o nome do bispo Dom Tomás Balduino, Bispo Emérito da Diocese de Goiás que, segundo o relato de um dos agricultores assentados, revolucionou o assentamento e a vida das famílias, com seu trabalho durante 25 anos na região. O segundo momento foi na comunidade de São João do Monte Alegre, onde vivem 30 famílias, em sua maioria, há mais de 25 anos.

O assentamento possui em torno de 680 alqueires (3.264 hectares), dividido entre 54 famílias. Um morador visitado vive no assentamento há nove anos e possui um lote de sete alqueires. Pessoa simples, muito trabalhador, morava anteriormente na capital Goiânia onde possuía uma pequena fábrica de roupas de banho, de onde tirava seu sustento, até receber um grande golpe de um cliente que o levou drasticamente à falência. Foi a partir disso que entrou na luta por um pedaço de terra, ficando acampado por três anos.

Mas quando conseguiu não perdeu tempo. Atualmente, nosso morador possui uma pequena plantação de bananas, maracujás, hortaliças e tira em média 50 litros de



leite por dia, além de um tanque de peixes, que contribuiu na renda e na alimentação. Durante a visita à comunidade, entrevistamos também uma agricultora assentada, que vive na região há 23 anos. Possui 10 alqueires. A moradora nos relatou que tem como principal meio de “sustento” a venda do leite. Planta também arroz para autoconsumo, milho para produção de silagem (alimento para o gado), mandioca, entre outros. Além disto, criam porcos e galinhas, também para consumo próprio.

A percepção do campo através da aula prática

O que ficou bastante claro nos relatos dados por nosso morador assentado e pelas observações feitas na conjuntura do assentamento (o que reflete a realidade dos demais assentamentos), foi uma total falta de apoio técnico nas atividades desenvolvidas pelos assentados em seus respectivos lotes. Apesar de os moradores terem acesso a financiamento, como no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), para a aquisição de produtos e animais, eles não possuem subsídios para o apoio técnico como, por exemplo, de um agrônomo ou veterinário, no sentido de auxiliarem no processo produtivo.

O conhecimento historicamente herdado é muito importante e tem sido a base para a sobrevivência dos agricultores familiares no país, sejam assentados ou não. No entanto, o apoio técnico e organizacional é essencial para apoiar a produção de leite, com nutrição adequada, além da produção agrícola, com técnicas de plantio mais sustentáveis, monitoramento e controle adequado de doenças, especialmente sem o uso de agrotóxicos.

Percebemos que a principal demanda dos assentados é, de fato, um programa sólido de assistência técnica. O morador transpareceu total entusiasmo em nós acadêmicos, na esperança que nós pudéssemos lhe ajudar com os problemas que ele vinha enfrentando. Isso deixou nosso grupo, que por sinal era bastante multidisciplinar, também muito entusiasmado na tentativa de ajudá-lo. E desta forma, as trocas de informações foram muitas e valiosas, tanto para nós acadêmicos, na maioria das vezes sedentos pela experiência e prática, quanto para o agricultor, com sua demanda por um maior apoio técnico.



Na comunidade de São João pudemos perceber que existe um maior acesso a programas de financiamento, de articulação e técnicas. Lá eles possuem uma associação, fazem parte do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e entregam parte de sua produção para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), segundo o relato de uma das moradoras visitadas. O que percebemos, neste caso, é que na comunidade o acesso aos subsídios do governo, para compra, venda e troca é maior do que no assentamento. Mas, o grupo não deixa de demandar um maior apoio técnico.

Considerações Finais

Por meio dos relatos, feitos por alguns moradores da região visitada (município de Goiás) na aula de campo, pudemos perceber a falta essencial de apoio técnico nas atividades desenvolvidas pelos agricultores, principalmente os moradores do Assentamento Dom Tomás Balduino. As atividades agroecológicas ficam a desejar nesse contexto, a educação no campo demonstra sua falta e as portas para o agronegócio se tornam mais receptíveis e abertas quando os moradores camponeses se veem sozinhos numa situação de isolamento social e política, como ocorre em várias situações, algumas delas explicitadas neste texto.

Referências

Diário de Campo. Trabalho de Campo de Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí, Junho de 2014.